

# O que diz a música mesmo? Uma experiência do estágio supervisionado para além das fronteiras teóricas

*Patrícia Oliveira Campos Câmara*  
Universidade Estadual de Feira de Santana  
*jai.patricia@hotmail.com*

## RESUMO:

No estágio, o professor em formação tem a oportunidade de investigar, analisar e intervir no contexto específico da sua profissão, enredando-se com a realidade educacional, organização e o funcionamento da instituição escolar da comunidade. Dessa forma este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência desafiadora no ensino de música vivida dentro do componente curricular Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana. As atividades da prática pedagógica foram realizadas com alunos da 6º B do turno vespertino da Escola Municipal Maria Antônia Costa na cidade de Feira de Santana /Ba no período de Maio a Junho de 2014. Dentro da proposta do projeto de estágio consistiam planejamentos de aulas, planos de ensino e a prática pedagógica. Durante a vivência fez-se necessário repensar a concepção de Estágio, da prática docente e sua ação contextualizada através do canto coletivo. Para isso utilizamos o suporte teórico encontrado em alguns autores como: ARROYO 2000, FERNANDES 2013, PIMENTA e LIMA 2012, ROMANELLI 2006, SOUZA 2011, SOBREIRA 2013.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ensino de música, Estágio, Escola básica.

## INTRODUÇÃO

O ensino de música é um conjunto de práticas destinadas a transmitir, através da vivência musical, a teoria e prática da música nas correntes gerações incluindo a musicalização, prática instrumental, prática vocal, teoria musical, história da música, percepção auditiva, composição e regência. Ele ajuda também na democratização do acesso à arte e a fortalecer a cultura nacional, possibilitando aos alunos conhecer e interagir com as diversas formas de músicas, além de preservar raízes culturais.

A formação docente, assim como outros requisitos, influencia diretamente a prática pedagógica do licenciando. Pressupõe-se então que o estágio é um dos momentos mais importantes no processo de sua formação profissional. É nesse momento que o futuro professor terá oportunidade de entrar em contato direto com a realidade da profissão, além de concretizar pressupostos teóricos adquiridos pela observação de determinadas práticas específicas e do diálogo com profissionais mais experientes. No estágio, o professor em formação tem a oportunidade de investigar, analisar e intervir no contexto específico da sua profissão.

Desta forma, "o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que se conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia" (PIMENTA E LIMA, 2012), tornando-se etapa imprescindível para o exercício profissional como educador. Foi nesse caminho que iniciamos a prática do estágio e nele nos deparamos com demandas que vão além da teoria e que necessitavam de resolução objetiva, coerente e eficaz.

Assim, encontra-se no ambiente do estágio uma grande oportunidade, - se não a maior, de unir a teoria e a prática, além de impregnar no estudante as peculiaridades daquela profissão. É com o estágio que o acadêmico constatará se realmente fez a escolha certa, de acordo o que deseja exercer ao decorrer de toda a sua vida. Sendo assim, neste trabalho abordaremos um relato de experiência vivida no estágio docente em que essas concepções se aplicam.

## A música no contexto escolar: caminhos ou encruzilhadas?

A música esteve praticamente ausente da maioria das matrizes curriculares do ensino básico. Desde a implantação da Educação Artística com a Lei 5.692/71, a área da música foi perdendo gradativamente o seu espaço da sala de aula. Então, o trabalho de música nas escolas vinha sendo realizado de uma maneira pouco sistemática, o que inviabilizava seu acesso a todos os alunos de uma maneira mais democrática. Não havia um tratamento adequado à educação musical nas escolas como conteúdo que deveria ser garantido em todas as séries. Pelo contrário, na maioria das vezes, esse conteúdo é desvinculado do meio sociocultural. Sobre esse assunto Fernandes (2013) reflete que na literatura existem duas correntes de ponto de vista: uma que defende que a escola deve utilizar-se do fato social e não de exemplos estranhos ao grupo, e outra, em que existem “convictos de que a escola deve impor significados musicais universalmente consagrados, repetindo-os e preservando-os...” (FERNANDES 2013, p. 11), sem dar muito valor ao saber que o aluno traz consigo.

A implantação da Lei Federal 11.769/2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica, trouxe um grande desafio para as escolas e, conseqüentemente, para os professores de música. Estes terão grande responsabilidade na execução desse ensino e sua prática deverá estar em consonância, dentre outras coisas, com a compreensão das teorias contemporâneas de ensino, com a aprendizagem da música, com as necessidades e formas como crianças e jovens se relacionam com ela, com as habilidades que podem ser desenvolvidas na escola, com uma reflexão sobre os usos sociais e práticas socioculturais na contemporaneidade, com o planejamento e avaliação do trabalho musical. Também deve compreender “o papel da música na inserção social e promoção da cidadania, suas implicações interdisciplinares no contexto escolar e o uso de novas tecnologias de produção e reprodução de música”. (SOUZA, 2011, p.18).

Um dos maiores desafios para esse tempo em relação à aplicação do ensino de música na escola básica é, sem dúvida, atingir uma prática educativa significativa e contextualizada. Esses conceitos estão ligados, segundo Fernandes (2013), ao nosso grupo social. Ou seja, nessa perspectiva, o que ganha significado para os indivíduos, está ligada aos grupos sociais em que estão inseridos. Por isso uma prática educativa musical significativa pressupõem uma identificação social e contextualista, onde os educandos

dentro da sua diversidade<sup>1</sup> encontram identificação e respeito. Para Fernandes “quando o material musical escolhido pelo professor faz parte da identidade musical do aluno, ou seja, da sua identidade cultural, a aprendizagem se torna contextualizada.” (2013, p. 31).

Entretanto, compreender a diversidade e aplicá-la em sala de aula não é tarefa simples. Esse discurso, inclusive, tem sido corriqueiro nos contextos da docência, visando uma postura democrática e “atenada”. É preciso, porém refletir e agir sem leviandades. Primeiro, por que o termo “diversidade” já indica variedades e, em se tratando de Brasil, temos isso naturalmente desde a formação do território brasileiro. E segundo por que colocá-lo em prática é um desafio aos conteúdos, aos docentes, sua prática, sua própria cultura, ao currículo e também aos demais contextos no ambiente escolar. ARROYO (2000) ressalta que questões como “considerar o contexto sociocultural do aluno” e “partir da experiência do aluno” estão presentes em muitos discursos e preocupações da prática de muitos educadores musicais. Mas salienta que uma necessidade dessa temática é compreender como ela se fundamenta. Para isso lança seu olhar sobre a relação entre a educação musical e a cultura. Sendo a música objeto de estudo da antropologia, propõe guiar-se antropologicamente nas práticas de Educação Musical:

O primeiro ponto abordado refere-se ao que vem a ser lançar um olhar antropológico sobre práticas de educação musical; o segundo, refere-se a relevância desse olhar para a educação musical, como prática cotidiana e como área acadêmica de conhecimentos. (ARROYO, 2000, p.14)

Nesse sentido é importante considerar também que não há homogeneidade em sala de aula. Pois, ainda que em determinado grupo haja contextos semelhantes, somos diversos e conservamos características próprias, principalmente quando se trata de adolescentes e jovens que estão em busca da afirmação de sua identidade. “Num mesmo grupo podemos encontrar subgrupos distintos, com formas diferentes de viver, pensar e sentir” (FERNANDES, 2013, p. 31). Não compreender isso é cultivar um engano fatal na prática docente.

Dentro da realidade musical exposta durante o estágio, ficava claro que esta se apresentava diversa e oposta, o que causou inicialmente bastante desconforto. Perceber a(s) realidade(s) dos alunos é muitas vezes perceber quão distante está o professor dela(s). As

---

<sup>1</sup> Mauro Costa (1980) afirma que no Brasil falar de identidade cultural não tem sentido, uma vez que desde o movimento Modernista brasileiro a arte assumiu a noção de Diversidade cultural, pois identidade pressupõe unidade.

músicas relacionadas na 1ª atividade de sondagem para elaboração do repertório mostrou que havia uma distância entre o que se gostava/ouvia e o que os alunos preferiam. Revelavam-se então duas faces da moeda que nunca se viam apesar de saberem que estavam lá. Nesse sentido, no ensino da música na escola básica, saber lidar com a vertente antropológica da Educação Musical é imprescindível; as “músicas” existentes na vivência dos alunos devem ser encaradas, buscando subsídios para aproveitá-las enquanto material educacional concreto.

## **Estágio supervisionado: uma experiência prática relevante**

É fundamental a experiência proporcionada pelo estágio para a formação profissional. Sua prática amparada pela lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, visa muito mais que uma mera etapa no processo preparatório da vida profissional, mas aponta no seu Art. 1º que:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (Brasil, 2008)

No processo do estágio, o licenciando pode integrar sua aprendizagem teórica acadêmica nas atividades pedagógicas, consolidando assim conhecimentos, habilidades e atitudes. Além disso, as interações no encontro formativo entre orientando e orientador proporcionam debates das observações registradas sobre os diferentes contextos nas escolas, questionando as aparências, investigando problemas, propondo soluções e alertando os educadores profissionais sobre novas práticas de ensino.

### **O contexto do estágio**

A Escola Maria Antônia da Costa, escolhida para a atividade do Estágio III, é municipal e pública. Atende crianças e adolescentes de 9 a 19 anos. É uma escola que possui classes do nível fundamental I e II. Todas as aulas foram ministradas dentro da sala de aula. A prática do estágio atendeu ao 6º ano B do ensino fundamental II com alunos em idades que

variam entre 10 e 14 anos<sup>2</sup>. As aulas tiveram a duração de 100 minutos correspondendo a duas horas/aula num único encontro semanal e foi ministrada entre maio e junho de 2014, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza Santos Barbosa.

O grupo tem comportamento bastante agressivo e usam vocabulário pesado e carregado de tensão e hostilidade. Tratam-se mal, com atitudes grosseiras uns com os outros. Os mais novos geralmente não se pronunciam e a turma acaba sendo “dominada” pelo comportamento dos maiores, que dominam as tecnologias das novas mídias e demonstram em sua fala que estão conectados com o que acontece no “mundo” e têm em seu discurso a apropriação de termos como: racismo, bullying, preconceito.

## O planejamento

Dentro do processo de construção das ações do Estágio, o planejamento tem um lugar específico e importante. Ele é uma atribuição do professor que consiste na sistematização de ensino para desenvolver situações educativas por meio da previsão das ações docentes. Também se constitui como mapa para uma trajetória que se deseja alcançar nos ajudando a trilhar uma ordem lógica para nossos planos de aula e, dessa forma, uma organização coerente e bem pensada. É importante que ele seja “coerente com a legislação em vigor, com as diretrizes curriculares do Estado e do Município e, finalmente, com o projeto político pedagógico e a matriz curricular da escola”. Como coloca Romanelli "o planejamento é uma atribuição do professor que consiste na sistematização do ensino para desenvolver situações educativas, por meio da previsão das ações docentes." (2009, p.126). A aula de música, sobretudo na escola básica, deve ser fruto de uma ação intelectual (planejamento) que antecede a sua prática, pois disso depende também o seu sucesso.

Nessa perspectiva os planejamentos realizados para essa etapa do Estágio buscavam, além da observação, pensar nas condições reais de espaço, tempo e conteúdos para o ensino de música. Porém, era necessário pensar como sugere Fernandes:

Que práticas a Educação musical pode adotar junto a tal clientela? Sem dúvida, uma prática que seja ligada a seu meio ambiente, geralmente uma prática grupal e o amplo uso da música popular e da mídia. (FERNANDES, 2013, p.128).

---

<sup>2</sup> A respectiva turma apresenta a característica de ser composta na sua maioria por alunos repetentes e fora da faixa etária para a série. Inclusive, dois alunos do grupo possuíam 16 anos de idade.

Elegi então o Canto Coletivo como o tema das aulas, pois a demanda imediata de materiais seria mínima: a voz e um instrumento harmônico. Sobreira, afirma que “cantar é bom e cantar em grupo é melhor ainda” (2013, p. 12). A vivência do canto coletivo propicia aos indivíduos uma experiência de trabalho em grupo, de companheirismo, de aceitação e de igualdade, o que para aquela turma seria pertinente. Para isso foi necessário tempo de investimento em pesquisa sobre autores e experiências que norteassem o canto coletivo, busca na internet em diversos sites a fim de encontrar o que estava mais tocando na mídia e a escrita dos planos de aula propriamente dito. Tudo isso aponta que o planejamento não é uma ação qualquer, mas demanda ação intelectual e engajada por parte do educador, pois deve proporcionar flexibilidade, continuidade, integração, interação e contextualização na condução dos conteúdos trabalhados em sala.

### **A experiência das aulas: o contexto do aluno “bate” à porta**

Na composição dos planos de aula, constava como primeira atividade a sondagem da turma e a preocupação de escolha do repertório a ser realizado nos encontros posteriores. Nesse sentido, planejamos fazer uma votação a partir de estilos musicais (rock, forró, samba, etc.). Os mais votados seriam fontes “seguras” para a escolha de músicas adequadas à turma. Entretanto, felizmente, nem tudo ocorreu como pensado, pois na finalização da apuração dos estilos musicais, um determinado aluno ao perceber que estávamos encerrando, interrompe a aula e de forma debochada e até afrontadora diz: “por que não coloca o “Metete-mete”? A professora regente da classe adianta-se e lhe justifica que aquela não podia. A turma então reagiu com alvoroço, uns em apoio ao colega, outros aproveitam para fazer bagunça e outros concordando com a fala da professora. O aluno novamente reage declarando: “só porque é minha música? Música de preto? “Isso é racismo contra minha música”. Nesse instante fez necessária minha intervenção acalmando os ânimos e me comprometendo a pesquisar “sua música”. A partir daquele instante desconcertante vi-me absolutamente diante do tal “contexto do aluno” E agora o que fazer? Ser indiferente e torcer pra que o episódio se diluísse na semana, ou construir uma “resposta” digna?

Voltando para o momento da orientação do Estágio, pude compartilhar com a orientadora e dividir com ela angústias, dúvidas e possíveis caminhos para solucionar aquele

desafio. Nessa parceria e usando o fala do aluno como um “gatilho”, os planos de aula seguintes, bem como seus conteúdos, objetivos e procedimentos, tiveram que ser reformulados, o que mais uma vez demandou tempo e pesquisa, além de domínio das novas tecnologias, pois buscar as fontes da música sugerida, baixar músicas e vídeos, editá-los para exibição exige do professor, novas e constantes habilidades.

Assim, a primeira ação para reformulação e elaboração de uma aula capaz de “responder” ao que estava nas entrelinhas da fala do aluno (e provavelmente no contexto da turma também) foi ouvir a música “Metete Metete” e buscar suas significações sonoras e culturais, que estavam distantes das minhas. A partir daí elaborei uma aula intitulada: “O que diz a música mesmo?” Beyer e Kebach concordam que “embora a música esteja sempre presente na vida dos adolescentes, muitas vezes não prestam atenção à linguagem musical, o que diz a música em si.” (2009, p.84). Nela expus duas versões encontradas da música “Metete metete” (letra e música), uma delas inclusive aprendi e toquei no violão e cantei com a turma (o que foi motivo de muita surpresa pra eles), construí slides contendo um questionário com perguntas ( ver quadro 1), letras e áudio da música principal, outras músicas que abordam o mesma temática (desejos sexuais, sensualidade etc.) como Xote das Meninas (Luiz Gonzaga) e Garota de Ipanema (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) , adicionei e editei o vídeo do grupo vocal MP7 cantando uma versão de “Lepo Lepo + Stan by me”<sup>3</sup> para apreciação. Instituí um formato de debate chamado Roda viva, onde alguns alunos sentados num grande tapete em círculo e com placas de pergunta (?) e resposta (!) se revezariam para opinar e responder a cada música cantada ou vídeo observado. Essa ação foi pensada para que todos pudessem falar e ouvir devidamente, uma vez que a turma não conseguia realizar esse comportamento. Apresentei o conteúdo na sala de recursos da escola, pois podia utilizar o projetor e o som. Utilizei também o violão, um tapete de tecido redondo grande (que já tinha em casa) e cartelas de ? e ! (cinco de cada).

No slide final apresentei a seguinte questão: “a que conclusões pudemos chegar a partir dessa experiência?” e as reações e comentários foram pertinentes aos objetivos traçados anteriormente na construção do plano de aula, para que identificassem sua música, apreciasse outras e refletissem sobre o que dizem e como dizem e com isso escolher o que melhor lhe satisfaz, respeitando outras formas de expressão. A atividade realizada nesse dia atraiu olhares

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://youtu.be/gXXB6A19RM8>



curiosos e espantados dos outros docentes e alunos de outras turmas que se encontravam no espaço escolar. As aulas subsequentes transcorreram de maneira mais agradável e produtiva no sentido de construir não só um produto final<sup>4</sup>, mas confiança, respeito e conhecimento, trazendo bastante satisfação.

Quadro 1:

<b>PERGUNTAS PARA ATIVIDADE EM SALA DE AULA</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• O que diz a música?</li><li>• Qual o assunto dela?</li><li>• O que ela diz eu gosto? É bom?</li><li>• O que ela diz tem a ver comigo? Como?</li><li>• O que ela diz me interessa? Por quê?</li><li>• Alguém já disse essas coisas antes?</li><li>• Há outras formas de dizer isso ou não?</li><li>• Que outras coisas podemos dizer sobre esse mesmo assunto?</li><li>• Quais diferenças e semelhanças entre elas?</li></ul>

## **Considerações finais**

O Estágio supervisionado no processo de formação do Licenciando em Música abre perspectivas que somente a teoria não será capaz de lhe dar. Essa experiência amplia o olhar ultrapassando as verdades aparentes, dialoga sobre os possíveis imprevistos que possam ocorrer, nos desafiando a criar alternativas. Também possibilita ao discente atuar em várias áreas, projetar um olhar crítico para o mercado de trabalho, bem como aprender a observar, problematizar e buscar soluções que acontecem nas áreas que pretendem atuar.

Pensando numa perspectiva mais ampliada do Estágio, deixamos de lado o pensamento reducionista enquanto exercício instrumental de uma teoria e compreendemos uma nova relação entre teoria e prática. Nessa recente concepção, o Estágio se configura como uma aproximação à realidade, dessa forma diz Pimenta e Lima:

É preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisa-la e questiona-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 45)

---

<sup>4</sup> Gravamos um vídeo com a música “Tudum iscatunga tinga” realizada a partir de arranjos rítmicos e vocais simples produzidos em conjunto pela turma.

A experiência relatada aqui dentre outras coisas resultou no fortalecimento de uma docência musical mais desapegada a uma só realidade e de um ensino mais engajado nas questões coletivas e sociais. Na turma foi possível, mesmo em pouco tempo, perceber a melhora na convivência, na maneira de expor suas ideias e também na forma de participarem da música, não só como ouvintes, mas agora executando e criando arranjos vocais.

Sendo assim, o estágio não é uma mera complementação a formação profissional, mas parte fundamentalmente integrante da mesma; é onde se aprende a assumir novas responsabilidades, conhecer realidades, lidar com desafios, perceber deficiências, pesquisar soluções, obter autoconfiança e desenvolver potenciais. Se pensarmos na ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Ou seja, ela é agente de intervenção na realidade social, pois é ao mesmo tempo reflexiva e prática, por isso é tão importante.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre as práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista Abem*, n° 05, setembro de 2000.

BRASIL, LBD. Lei9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. MEC, Brasília, 1996. Disponível em < [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) >. Acessado em 23/07/2014.

COSTA, Mauro S. Manifestações populares e educação em arte, in: *Boletim de Intercâmbio do SESC*. Rio de Janeiro, 1(4), 1980, pp. 34-42.

FERNANDES, José Nunes. *Educação musical: temas selecionados*. Editora CRV, Curitiba: 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. Editora Cortez, 7ª edição. São Paulo: 2012.

ROMANELLI, Guilherme G. B. *Planejamento de aulas de estágio*. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. *Práticas de Ensinar Música*. 2009, p. 125-137

SOBREIRA, Silvia. *Desafinando a escola*. Musimed, Brasília: 2013.

SOUZA, Jusamara (org.) *Música na Escola: Propostas para a implementação da lei 11.769/08 na Rede de Ensino de Gramado*, RS. Série Educação Musical no cotidiano, Editora Tomo. Porto Alegre, 2011.